

JOHN CONNOLLY

OS AMANTES

Tradução de Vasco Gato

Digo a mim mesmo que isto não é uma investigação. Cabe a outros serem investigados, não à minha família, nem a mim. Sou capaz de vasculhar as vidas de desconhecidos, denunciar os seus segredos e mentiras, umas vezes por dinheiro, outras por ser essa a única forma de enterrar velhos fantasmas, mas não pretendo pôr-me a esquadrinhar dessa forma as crenças que sempre tive a respeito da minha mãe e do meu pai. Eles partiram. Deixai-os descansar em paz.

No entanto, são várias as perguntas sem resposta, são várias as inconsistências na narrativa construída em torno das suas vidas, essa história iniciada por eles e continuada por outros. Não posso continuar a abster-me de as examinar.

O meu pai, William Parker, conhecido entre os amigos como Will, faleceu quando eu estava prestes a completar dezasseis anos. Era polícia na 9.^a Esquadra, situada no Lower East Side de Nova Iorque, amado pela sua mulher, a quem era fiel, com um filho que adorava e pelo qual era adorado também. Optou por permanecer de farda, sem procurar promoções, pois era feliz a cumprir o seu dever nas ruas como qualquer outro polícia de giro. Não tinha segredos, pelo menos nenhum tão terrível que, caso tivesse sido revelado, o pudesse prejudicar grandemente a si ou aos seus. Levava uma existência normal, provinciana, ou o mais normal possível quando a rotina dos seus dias

era determinada por escalas de serviço, homicídios, roubos e casos de consumo de droga, bem como pelas predações impostas pelos fortes e implacáveis aos fracos e indefesos. Os seus defeitos eram mínimos, os seus pecados veniais.

Cada uma destas frases é mentira, exceto que ele amava o filho, embora o filho se esquecesse por vezes de retribuir esse amor. No fim de contas, eu estava na adolescência quando ele morreu, e que rapaz dessa idade não anda já às turras com o pai, na tentativa de estabelecer a primazia lá em casa sobre o velhote que já não compreende a natureza mutável do mundo que o rodeia? Portanto, será que eu o amava? Claro que sim, embora para o final começasse a recusar admiti-lo à sua frente, ou para mim mesmo.

Eis, portanto, a verdade.

O meu pai não morreu de causas naturais: suicidou-se.

A ausência de progressão na sua carreira não foi uma opção, mas um castigo.

A mulher não o amava ou, amando-o, já não o amava como outrora, pois ele traía-a e ela não conseguia encontrar uma forma de perdoar tal traição.

Não levava uma existência normal, e houve pessoas que morreram para que os seus segredos permanecessem guardados.

Possuía graves fraquezas, e os seus pecados eram mortais.

Certa noite, o meu pai matou dois adolescentes desarmados num baldio não muito longe da casa onde vivíamos, em Pearl River. Não eram muito mais velhos do que eu. O meu pai matou primeiro o rapaz, e depois a rapariga, utilizando o seu revólver pessoal, um *Colt .38* com um cano de duas polegadas, uma vez que nessa altura não se encontrava fardado. O rapaz foi alvejado na cara, a rapariga no peito. Depois de confirmar que os miúdos estavam mortos, o meu pai, como que num transe, regressou de carro à cidade, tomou um duche e trocou de roupa no vestiário da 9.^a Esquadra, onde foram procurá-lo. Menos de vinte e quatro horas depois, matou-se com um tiro.

Durante toda a minha vida adulta, me perguntei porque agira ele daquela forma, mas parecia-me que não havia respostas para essa pergunta, ou talvez tivesse sido essa a mentira que preferi contar a mim mesmo.

Até este momento.

Está na hora de chamar os bois pelos nomes.

Esta é uma investigação sobre as circunstâncias que rodearam a morte do meu pai.

2

Apanhei o comboio para Pearl River na Penn Station. Optara por não fazer o percurso do Maine até Nova Iorque de carro nem me dera ao trabalho de alugar um automóvel enquanto estivesse na cidade. O que quer que tivesse de fazer por cá, fá-lo-ia mais facilmente sem um veículo. À medida que o comboio de um só vagão parava na estação, praticamente inalterada desde as suas origens como ramal da Erie Railroad, reparei que quaisquer outras mudanças no coração da cidade eram também puramente cosméticas. Desci e atravessei lentamente o Memorial Park, onde uma placa perto da guarita vazia da Polícia de Orangetown anunciava que Pearl River continuava a ser «A Cidade das Pessoas Simpáticas».

O parque fora criado por Julius E. Braunsdorf, o fundador de Pearl River, que também concebera a cidade em si após a aquisição do terreno, para além de ter construído a estação de comboios, fabricado a máquina de coser Aetna e a prensa America & Liberty, desenvolvido uma lâmpada incandescente e inventado a lâmpada a arco voltaico que iluminava não apenas o parque como também a zona do Capitólio em Washington, D.C. Braunsdorf fazia com que a maior parte das pessoas parecesse indolente em comparação com ele. A par de Dan Fortmann dos Chicago Bears, era o maior orgulho de Pearl River.

A bandeira nacional ainda se agitava sobre o monumento no centro do parque, homenageando os jovens da cidade que tinham morrido em combate. Curiosamente, entre eles incluíam-se James B. Moore

e Siegfried W. Butz, que não tinham morrido em combate mas no decurso de um assalto a um banco em 1929, quando Henry F. Fennekes, um famigerado bandido da época, tentou roubar o First National Bank de Pearl River disfarçado de eletricitista. Todavia, ao menos eram recordados. Hoje em dia, os empregados bancários assassinados muito raramente merecem uma referência em monumentos públicos.

Pearl River não se livrara de nenhuma das suas raízes irlandesas desde a minha partida. O Muddy Brook Café na North Main Street, na outra ponta do parque, continuava a disponibilizar um pequeno-almoço celta, e ali perto havia o talho irlandês Gallagher's, a loja de recordações Irish Cottage, bem como a agência de viagens Healy-O'Sullivan. Na East Central Avenue, ao lado da loja de ferragens Handeler's, ficava a Ha'penny Irish Shop, que vendia chá irlandês, rebuçados, batatas fritas e réplicas de camisolas de futebol gaélicas, e do outro lado da esquina do velho Pearl Street Hotel ficava o bar irlandês G. F. Noonan's. Como o meu pai costumava comentar, mais valia terem pintado de verde a cidade inteira e pronto. No entanto, o cinema de Pearl River já se encontrava encerrado, e havia lojas chiques a vender artesanato e prendas caras ao lado das oficinas e das lojas de mobília mais práticas.

Parece-me agora que passei toda a minha infância em Pearl River, mas não foi esse o caso. Mudámo-nos para lá antes de eu fazer oito anos, quando o meu pai começou a faltar-se do longo trajeto até à cidade. Antes disso, vivíamos mais a norte, numa casa que fora deixada ao meu pai quando a minha avó paterna faleceu. Era particularmente complicado quando ele tinha os turnos semanais das 8 às 16, que na realidade eram turnos das 7 às 15h30. Levantava-se às 4 da manhã, por vezes mais cedo até, para fazer o longo percurso até à 9.^a Esquadra, cujo distrito policial ocupava menos de três quilómetros quadrados de Lower East Side, sendo porém responsável por cerca de setenta e cinco homicídios por ano. Nessas semanas, eu e a minha mãe raramente o víamos. Não que os outros turnos de cada ciclo de seis semanas fossem muito melhores. Ele era obrigado a fazer uma semana das 8 às 16, uma semana das 16 às 24, outra semana das 8 às 16, duas semanas das 16 às 24 (nessas semanas, só o via ao fim de semana, pois sempre que saía de manhã para a escola ele estava a dormir, e quando

eu regressava já ele fora para o trabalho), e um turno obrigatório das 24 às 8, que lhe baralhava de tal forma o relógio biológico que por vezes chegava ao fim num estado quase delirante de cansaço.

Os polícias da 9.^a Esquadra trabalhavam segundo aquilo que era designado por «tabela de nove brigadas», nove brigadas de nove homens, cada uma delas com o seu sargento, sistema que remontava à década de cinquenta e que viria a ser eliminado na década de oitenta, levando consigo grande parte da camaradagem que engendrava. O sargento do meu pai na 1.^a Brigada era um tipo chamado Larry Costello, e foi ele quem lhe sugeriu que ponderasse uma mudança para Pearl River. Era o local onde viviam todos os polícias irlandeses, uma cidade que reivindicava para si o segundo maior desfile do Dia de São Patrício no estado, a seguir a Manhattan. Era também comparativamente abastada, com um rendimento médio que era quase o dobro da média nacional e uma atmosfera de prosperidade confortável. Portanto, tinha polícias de folga em número suficiente para formar uma polícia estadual, tinha dinheiro e a sua própria identidade definida através de laços comuns de nacionalidade. Embora o meu pai não fosse irlandês, era católico, conhecia grande parte dos tipos que viviam em Pearl River e dava-se bem com eles. A minha mãe não levantou objeções à mudança. Se lhe proporcionasse mais tempo ao lado do marido, e o aliviasse de parte da ansiedade e da tensão que, por essa altura, eram tão visíveis no rosto dele, teria ido viver para um pardieiro e tiraria o maior partido possível da situação.

De maneira que rumámos a sul e, uma vez que tudo o que subsequentemente correu mal nas nossas vidas teve, para mim, uma ligação a Pearl River, a cidade acabou por dominar as recordações da minha infância. Comprámos uma casa na Franklin Avenue, perto da esquina com a John Street, onde ainda perdura a Igreja Metodista Unida. Era uma casa a carecer de melhorias, na peculiar linguagem dos agentes imobiliários; a velhota que nela vivera durante a maior parte da sua vida morrera recentemente, e nada parecia indicar que tivesse feito grande coisa em relação à casa, tirando uma ou outra varredela, desde 1950. Porém, era uma casa maior do que de contrário estaria ao nosso alcance, e houve qualquer coisa naquela ausência de vedações, nos quintais abertos entre propriedades da mesma rua, que fascinou o

meu pai. Proporcionava-lhe uma sensação de espaço, de comunidade. A noção de que as boas vedações davam bons vizinhos não era muito popular em Pearl River. Ao invés, havia gente na cidade que considerava o conceito de vedação um pouco inquietante: um sinal de alheamento, e até de diferença.

A minha mãe deixou-se absorver pela vida da cidade. Se havia uma comissão, ela participava. Para uma mulher que, em grande parte das lembranças que guardo dela, parecia tão reservada, tão distante dos seus pares, aquela foi uma transformação espantosa. O meu pai ter-se-á perguntado se ela estaria a ter um caso, ainda que tudo não passasse da reação de alguém que se descobre num sítio melhor do que aquele onde estivera, com um marido que andava mais satisfeito do que anteriormente, embora ela continuasse a preocupar-se sempre que ele ia trabalhar, reagindo com um alívio mal disfarçado quando, após o turno, ele regressava incólume a casa.

A minha mãe: agora, ao lembrar os pormenores da nossa vida naquele lugar, a minha relação com ela começou a parecer-me cada vez menos normal, se é que tal palavra pode realmente ser usada no que toca a interações familiares. Se por vezes se mostrou desligada dos seus pares, com a mesma frequência se alheava inexplicavelmente do meu pai e de mim. Não que ela recusasse o seu afeto, ou não me estimasse. Rejubilava com os meus triunfos e consolava-me nas derrotas. Escutava, dava conselhos e amava. Porém, durante grande parte da minha infância, o seu comportamento foi sempre uma reação às minhas ações. Se eu fosse ter com ela, cumpria o seu papel, embora a iniciativa não lhe pertencesse. Era como se eu fosse uma espécie de experiência, uma criatura metida numa jaula, algo que deveria ser acompanhado e observado, alimentado e saciado, a quem deveria ser dado o afeto e o estímulo para garantir a sobrevivência, e não mais do que isso.

Ou talvez isso não passasse de uma partida que a minha memória me pregava enquanto eu agitava as águas turvas do reservatório do passado e esperava que o lodo assentasse, para então examinar o que viera à superfície.

Após os homicídios, e tudo o que se seguiu, a minha mãe fugiu para norte, para o Maine, levando-me consigo nesse regresso ao lugar onde crescera. Até à sua morte, ainda eu andava na faculdade, recusou-se a

abordar qualquer pormenor relacionado com os acontecimentos que culminaram na morte do meu pai. Fechou-se em si mesma, e no seu interior apenas viria a encontrar o cancro que lhe ceifaria a vida, colonizando lentamente as células do seu corpo como fazem as memórias más quando anulam as boas. Pergunto-me agora há quanto tempo a doença aguardava por ela, se uma ferida emocional grave poderá de alguma forma desencadear uma reação física, ao ponto de ela se achar traída em duas frentes: pelo seu marido e pelo seu próprio corpo. Se foi esse o caso, então o cancro terá começado a laborar nos meses que antecederam o meu nascimento. À minha maneira, fui eu o estímulo, tanto quanto as ações do meu pai, pois uma coisa foi a consequência da outra.

A casa não sofrera grandes mudanças, embora a pintura a descascar, as janelas do andar de cima raiadas de fuligem e as tabuinhas partidas, como dentes escuros e em falta, denunciasses um certo grau de abandono. A cor era agora de um cinzento mais claro do que na época em que eu lá vivera, embora o quintal se mantivesse sem vedação, tal como os quintais vizinhos. O alpendre fora fechado, e uma cadeira de baloiço e um sofá de rotim, ambos desprovidos de almofadas, estavam virados para a rua. Os caixilhos das janelas e das portas surgiam agora pintados de preto, não de branco, e já só havia erva no lugar dos canteiros esmeradamente cuidados de outrora, uma erva fina e desgarrada que a neve acumulada deixava entrever, embora o sítio continuasse a ser de forma reconhecível o lugar onde eu crescera. Um cortinado agitou-se no local onde fora em tempos a sala de estar e vi um velhote a fitar-me com curiosidade. Fiz-lhe um aceno com a cabeça em sinal de reconhecimento da sua presença e ele recuou para o meio das sombras.

Por cima da porta da rua havia uma janela dupla, com um vidro partido e tapado com cartão, onde um rapazinho costumava sentar-se para contemplar a pequena povoação que constituía o seu mundo. Parte de mim permanecera naquele quarto após a morte do meu pai: uma certa inocência, porventura, ou o último resquício da infância, que me fora arrancado ao som de um disparo, obrigando-me a livrar-me dele como a pele de um réptil, ou o casulo de um inseto. Quase conseguia vê-lo, esse pequeno fantasma: uma figura de cabelo escuro e olhos pequenos, demasiado introspetivo para a idade, demasiado solitário.

Tinha amigos, embora nunca tivesse superado a sensação de estar a incomodá-los quando ligava para casa deles e de que lhe faziam um favor quando jogavam às cartas com ele, ou o convidavam para ver televisão. Era mais fácil quando saíam em grupo, para jogar *softball* no parque durante o verão, ou futebol se o Danny Yates, que era a única pessoa que ele conhecia que se entusiasmava com o Cosmos e recebia a revista *Shoot!*, enviada por um tio da Força Aérea destacado em Inglaterra, já tivesse regressado do campo de férias, ou estivesse ainda para partir. O Danny era uns anos mais velho do que os restantes, que aceitavam as suas decisões em relação à maior parte das coisas.

Interroguei-me onde andaria agora a maior parte desses antigos amigos (nenhum deles negro, pois Pearl River era uma cidade da branquura dos lírios, e só nos cruzávamos com miúdos negros nos torneios interescolas). Eu perdera o contacto com eles após a nossa partida para o Maine, embora alguns talvez continuassem ali a viver. No fundo, Pearl River, com o seu espírito de clã, feroz protetora da sua gente, era o tipo de lugar que se torna no lar de gerações. O Bobby Gretton vivera duas portas mais abaixo, do outro lado da rua. Os pais só conduziam automóveis da marca *Chevrolet*, conservando cada carro durante um máximo de dois anos até o trocarem por um modelo mais recente. Olhei para a esquerda e vi um *Chevrolet Uplander* castanho na entrada daquela que sempre fora a casa dos Gretton. O para-choques traseiro do carro tinha um autocolante apagado de apoio a Obama para as eleições de 2008 e de apoio às tropas americanas. O carro tinha matrícula de veterano de guerra. Era do Sr. Gretton de certeza.

Na janela do meu antigo quarto, a luz alterou-se, uma nuvem que deslizava lá no alto a dar a impressão de movimento no interior, e senti novamente a presença do rapaz que fui em tempos. Ali estava ele, à espera do primeiro sinal do regresso do pai, ou talvez de um vislumbre da Carrie Gottlieb, que vivia do outro lado da rua. A Carrie era três anos mais velha do que ele, sendo em geral considerada a rapariga mais bonita de Pearl River, embora houvesse quem dissesse que, por ela ter noção disso, se tornava menos atraente e bonita do que outras raparigas que não tinham metade da sua beleza, mas o dobro da discrição. Tais afirmações não preocupavam o rapaz. Não preocupavam muitos dos rapazes da cidade. Era essa singularidade da

Carrie Gottlieb, a sensação de que desfilava pela vida através de pedestais erigidos unicamente para os seus próprios fins, que a tornavam tão desejável. Tivesse ela sido mais terra a terra e menos altiva e o interesse dos rapazes por ela teria sido consideravelmente menor.

A Carrie mudou-se para a grande cidade para se tornar modelo. A mãe dizia a quem quisesse ouvir que o destino da Carrie era aparecer em revistas de moda e na televisão. Mas nos meses e anos que se seguiram tal não aconteceu e com o tempo a mãe deixou de falar nesses termos a respeito da filha. Quando lhe perguntavam (normalmente com um brilho no olhar, pressentindo sangue nas águas) como ia a Carrie, ela respondia, «Bem, bastante bem», com um sorriso ligeiramente tenso ao mesmo tempo que fazia avançar a conversa para terrenos mais seguros ou, se a pessoa insistisse, avançava ela própria para outro lugar. Daí por uns tempos, ouvi dizer que a Carrie regressara a Pearl River e que arranajara trabalho como anfitriã num bar e restaurante local, acabando por se tornar gerente depois de se ter casado com o proprietário. Continuava bonita, mas a grande cidade deixara a sua marca e o sorriso da Carrie era agora menos seguro. Ainda assim, regressara a Pearl River, e carregava a perda dos seus sonhos com uma certa elegância. As pessoas admiravam-na por isso, e talvez gostassem um pouco mais dela também. Fazia parte daquela grande família e voltara para casa e, quando ia visitar os pais à Franklin Avenue, o fantasma de um rapazinho via-a, e sorria.

O meu pai não era um tipo grande quando comparado com alguns dos seus colegas, mal cumprindo o requisito de altura da Polícia de Nova Iorque, para além de ser mais franzino do que eles. Para mim, na minha infância, ele era uma figura imponente, sobretudo quando vestia a sua farda, com a *Smith & Wesson* de quatro polegadas no cinto, e os botões a refulgir sobre o azul-escuro carregado da indumentária.

– O que é que vais ser quando fores grande? – perguntava-me ele e eu respondia sempre:

- Polícia.
- E que tipo de polícia vais ser?
- Um polícia de Nova Iorque. No! Va! Ior! Que!
- E que tipo de polícia de Nova Iorque vais ser?
- Um dos bons. O melhor.

E o meu pai despenteava-me o cabelo, a antítese do ligeiro tabefe que me dispensava sempre que eu fazia algo que lhe desagradava. Nunca uma bofetada, nunca um murro: bastava um tabefe na nuca com a palma dura e calejada da sua mão, um sinal de que fora pisado um risco. Por vezes seguiam-se outros castigos: ficar em casa, cortar-me a minha semanada por uma ou duas semanas, embora o tabefe fosse o sinal de perigo. Era o último aviso, e o único tipo de violência física que eu associava ao meu pai até ao dia em que os dois adolescentes morreram.

Alguns dos meus amigos, revoltando-se contra uma cidade na qual se viam cercados de polícias, desconfiavam do meu pai. O Frankie Murrow, em especial, costumava encolher-se como um caracol assustado sempre que ele se aproximava. O pai do Frankie era segurança num centro comercial, pelo que talvez tivesse algo a ver com fardas e com os tipos que as usavam. O pai do Frankie era um idiota, e talvez o filho partisse do princípio de que todos os outros tipos que usavam fardas e protegiam coisas também eram idiotas. O pai do Frankie perguntara-lhe se ele era paneleiro quando, aos sete anos de idade, o Frankie tentara dar-lhe a mão antes de atravessarem a rua. O Sr. Murrow era um «valente filhodamãe», como o meu pai chegou certa vez a dizer. Odiava negros, judeus e hispânicos, guardando na ponta da língua um chorrilho de termos depreciativos para cada um deles. No entanto, odiava igualmente a maior parte das pessoas brancas, pelo que a questão não era ele ser racista. Tinha simplesmente queda para o ódio.

Aos catorze anos, o Frankie Murrow foi enviado para um reformatório por fogo posto. Incendiara a sua própria casa enquanto o pai estava no trabalho. Cronometrara bem a coisa, de maneira a que o Sr. Murrow estivesse a entrar na rua no instante em que os carros dos bombeiros começavam a chegar. O Frankie estava sentado no muro da casa em frente, contemplando as labaredas que se erguiam, rindo e chorando ao mesmo tempo.